

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL PRESIDENTE VARGAS

PARALIMPÍADAS E SOCIEDADE

Como os Jogos Paralímpicos podem influenciar na inclusão social

Campo Bom/RS

2024



Emanuelly Vitória Tavares Zordan

Luiza Rodrigues da Silva

Manuella Pereira Heydrich

Cristiane Espíndola

Fernanda Martins Valentini

PARALIMPIÁDAS E SOCIEDADE

Como os Jogos Paralímpicos podem influenciar na inclusão social

Relatório apresentado à 8ª FEMIC - Feira Mineira de Iniciação Científica.

Orientação da Profª Fernanda Martins Valentini e coorientação de Cristiane Espíndola..

Campo Bom/RS

2024



RESUMO

O presente projeto de pesquisa faz uma reflexão sobre os Jogos Paralímpicos e uma sociedade mais inclusiva. Tem como objetivo avaliar se os Jogos podem contribuir para a inclusão e de que forma isso pode acontecer. Para que o trabalho fosse desenvolvido, artigos foram lidos e algumas conversas foram agendadas. Dentre os palestrantes, foram ouvidos um atleta paralímpico de natação, que participou dos Jogos de Pequim 2008, dois atletas do basquete sobre rodas, integrantes do Leme: Associação dos Lesados Medulares do RS, de Novo Hamburgo e Carla da Mata, profissional com um extenso currículo em Jogos Paralímpicos a nível nacional e internacional. Os atletas contaram dos seus acidentes e de como o esporte entrou nas suas vidas. Já Carla, falou da sua experiência e apontou alguns pontos em relação aos Jogos, a mídia e a inclusão social. Ao final, os alunos puderam vivenciar um jogo de goalball e bocha olímpica. A pesquisa, ainda, faz um breve relato histórico das Paralimpíadas e da evolução da inclusão social e se depara com um cenário lento quando o assunto é inclusão, mas que segue se modificando para melhor. Quanto aos resultados alcançados, os Jogos Paralímpicos mostram o melhor dos seus atletas e provam que temos muitas habilidades e que estas podem ser desenvolvidas em qualquer momento e situação da vida. Com o projeto, hoje sabemos o significado de um piso tátil e a importância das vagas próprias para pessoas com deficiência. A importância de não estacionar em rampas de acesso e como ajudar uma pessoa cega. As Paralimpíadas, certamente, dão mais visibilidade à inclusão social, mesmo que isso esteja acontecendo lentamente.

Palavras-chave: Inclusão; Paralimpíada; Sociedade



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	6
3 OBJETIVO GERAL	7
4 METODOLOGIA	8
5 RESULTADOS OBTIDOS	12
6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24



1 INTRODUÇÃO

É ano de Jogos Paralímpicos de Verão e o Brasil sempre traz grandes conquistas e muitas medalhas. Sendo as Paralimpíadas composta por, apenas, atletas com deficiência, a presente pesquisa traz à tona a questão da inclusão social e de que forma ela pode ser influenciada por estes jogos. De acordo com fontes como Solera *et. al.* (2021) e o site do Comitê Paralímpico Internacional, o esporte começou como forma de reabilitação após o fim da Segunda Guerra Mundial. Hoje, os Jogos contam com um conjunto de 20 modalidades e a cada edição, tornam-se mais vistos, conhecidos e divulgados pela mídia.

Foram necessários anos de evolução para que pessoas com deficiência (PCDs) pudessem ter um lugar na sociedade. A história mostra como essa evolução é lenta e como, ainda hoje, se tem resistência ao diferente. Basta olhar ao redor para ver a falta de rampas de acesso, pisos táteis, livros em braile, entre outras coisas simples do dia-a-dia que deveriam ser adaptadas, mas não são. Machado (2012, p. 378) afirma que:

...pode-se dizer que é através da inclusão das pessoas com deficiência nos diversos cenários sociais que esses sujeitos são, também, incluídos na economia política neoliberal. Dentro dessa lógica é que vejo as Paralimpíadas como uma das estratégias dessas políticas de inclusão, que se propõe a trazer as pessoas com deficiência para as normas da governamentalidade neoliberal.

É neste cenário que os Jogos Paralímpicos emergem e, com a ajuda da mídia, dão visão às pessoas com deficiências. Mostram todo o seu potencial e, quem sabe assim, a população interesse-se mais pelo outro e aprenda a maneira correta de ajudar e dirigir-se às pessoas com deficiência.



2 JUSTIFICATIVA

Após uma aula conversando sobre as Olimpíadas, surgiram dúvidas acerca dos Jogos Paralímpicos. Foi comentado que o município de Campo Bom/RS promove para seus alunos, anualmente, as Paralimpíadas Estudantis e muito foi falado sobre isso. Aprofundando mais o assunto, surgiu a questão da inclusão social e de que forma os jogos podem contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva. O presente trabalho quer chamar a atenção para a inclusão social, mostrando, através dos Jogos Paralímpicos, a capacidade das pessoas com deficiência.



3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Entender de que forma a influência dos Jogos Paralímpicos podem refletir na sociedade em termos de inclusão.

3.2 Objetivos específicos

- Aprender sobre os Jogos Paralímpicos
- Conversar com atletas e pessoas com conhecimento sobre Jogos Paralímpicos de Verão e inclusão social.
- Aplicar entrevistas em atletas e profissionais relacionados aos Jogos Paralímpicos.
- Aplicar um questionário para obter mais informações.
- Vivenciar um jogo de goalball, bocha adaptada e basquete de cadeira de rodas.



4 METODOLOGIA

A presente pesquisa teve início no começo do ano letivo em uma conversa com a turma e a conselheira recém escolhida. As Paralimpíadas sempre foram um assunto que a turma gostaria de ter mais conhecimento, mas não tiveram oportunidade de aprender nos outros anos. Após definir o assunto, passou-se para a escolha do tema, que foi bem difícil, pois há muito a ser discutido em torno dos Jogos Paralímpicos. A turma optou por fazer uma análise sobre os JPV, a inclusão social e a cobertura da mídia. O conhecimento que as pessoas têm desses jogos, também, foi uma questão levantada e foi, brevemente abordada no sentido de cruzar os resultados do questionário com as informações fornecidas pelos palestrantes.

Na sequência dos acontecimentos, o referencial teórico foi ganhando corpo, algumas informações foram modificadas e reorganizadas. Algumas conversas foram agendadas: uma com o atleta paralímpico e psicólogo Gabriel Feiten, outra com Carla da Mata, educadora física e árbitra internacional de Goalball, e com os atletas do Leme Basquete sobre Rodas, Adilson José Franck e Sidnei Lima.

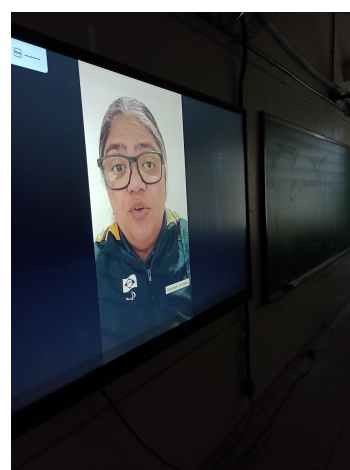
Na aula da professora Cristiane, co-orientadora do projeto, foi discutida a importância de realizar um questionário para obter mais informações, mas este ficou mais para o final da pesquisa.

No dia 11 de junho, aconteceu a conversa, via Google Meet, com o atleta e psicólogo, Gabriel Feiten. Ele contou um pouco da sua vida. Falou do seu acidente, que quase o deixou tetraplégico, e como venceu as dificuldades e se tornou atleta. Na sequência, respondeu alguns questionamentos e comentou sobre o seu documentário, que foi visto pela turma no mês seguinte, após agendamento prévio da sala com tela interativa.



Fotos da conversa do atleta e psicólogo Gabriel com os alunos.
Os registros do arquivo da escola.

Carla da Mata iria nos conceder uma entrevista no dia 18 de junho, mas devido a um procedimento cirúrgico, a profissional pediu que a data fosse remarcada. Com os poucos horários disponíveis, pedimos que ela fizesse um vídeo respondendo algumas perguntas. As perguntas foram enviadas via WhatsApp pela professora Fernanda, após uma conversa em sala de aula sobre o que seria importante que a profissional abordasse. A profissional enviou um vídeo contando um pouco da sua experiência, respondeu aos questionamentos da turma e finalizou agradecendo o convite e parabenizando a turma pela escolha do tema. O relato foi visto no dia 4 de julho.



Fotos dos alunos assistindo ao vídeo enviado pela Carla.
Registros do acervo da escola.

No mesmo dia em que o vídeo da Carla foi visto, os atletas Adilson e Sidnei vieram até a escola, conversaram com a turma sobre os seus acidentes, como o basquete entrou para as suas vidas e os transformou. Explicaram sobre as regras, campeonatos e



principais times gaúchos e nacionais. Abordaram questões como inclusão social, apoio de empresas e o preconceito. Ainda, foi visto o documentário do Gabriel. Após, a turma imergiu em uma conversa sobre o tema e tudo o que foi relatado pelos profissionais e atletas. Foi neste momento que o formulário foi criado e enviado, via WhatsApp, para grupos e contatos dos alunos e professora orientadora.



Fotos da conversa com os atletas Adilson e Sidnei.
Registros do acervo da escola.

Na última semana, antes da Feira de Iniciação Científica da escola, conseguiu-se material de goalball e bocha adaptada. A SMEC de Campo Bom possui esse material e tem interesse que seus profissionais trabalhem com eles em suas aulas. A escola ficou com os materiais durante uma semana. Apropriando-se das regras, ficou-se sabendo que os comandos do goalball são todos em inglês, mesmo aqui no Brasil. Logo pensou-se em uma parceria com o professor de Inglês. Um projeto foi rapidamente estruturado para ser desenvolvido na escola após o recesso escolar. Para que o esporte pudesse ser trabalhado, os alunos da turma 82 receberam uma folha com as regras básicas, retiradas do livro de regras da *International Blind Sports Federation*. Um vídeo, presente nos arquivos do impulsiona.org, sobre orientação, montagem, organização e



desenvolvimento das regras de goalball foi assistido. Os alunos auxiliaram na organização da quadra e espaço de jogo. Quatro alunas da turma 82 vieram no turno da tarde e desenvolveram o goalball e a bocha adaptada com os alunos do 3º, 4º e 5º anos. Após, uma roda de conversa foi feita com todas as turmas envolvidas e os alunos puderam trocar ideias e relatar a experiência.



Jogo de *goalball*
Registros do acervo da escola.

Na sequência, todas as informações foram colocadas no projeto escrito e os dados analisados. O projeto foi, finalmente, finalizado, organizado e revisado para a impressão.



5 RESULTADOS OBTIDOS

Depois de todas as conversas que ocorreram, dos vídeos que foram vistos e do retorno do questionário, iniciaram-se a análise e discussão dos dados. Levando em consideração tudo o que foi lido, visto e ouvido, percebeu-se que a inclusão social tem sido um assunto tratado já há muito tempo, mas que ainda “caminha” a passos lentos. Todas as informações coletadas apontam para o mesmo lado, há mais inclusão nos dias de hoje, mas está longe de ser como deveria.

A conversa com o atleta e psicólogo Gabriel Feiten foi gravada e, posteriormente, transcrita para ser analisada e colocada no portfólio da turma. Infelizmente, no dia, havia obra nos arredores da escola e muita coisa ficou sem identificação por conta do barulho excessivo, mas foi possível obter essas informações no documentário do palestrante.

Gabriel apontou que após o acidente, teve que reorganizar a sua vida e encontrar um novo sentido para ela. Na época do acidente, ele estava na reta final do curso de Educação Física, na Ulbra. Depois trocou para Psicologia, que era um curso que ele também se identificava, mas optou por estudar em uma instituição mais próxima da sua residência, a FACCAT, por questões de deslocamento, tempo de trajeto e insegurança. Formou-se em 2010 e no ano seguinte entrou para a pós-graduação em Psicologia do Esporte, unindo as áreas que ele mais gosta. Tirou alguns anos sabáticos e retornou aos estudos na Feevale, no mestrado de Diversidade Cultural e Inclusão Social, concluído no primeiro semestre de 2021.

O atleta relatou que no curso de Educação Física não se tinha uma vivência muito grande com esportes adaptados e que sua convivência com pessoas com deficiência era quase nula. Depois do acidente e do diagnóstico de que ficaria tetraplégico, Gabriel comenta que não conseguiu ficar parado, pois é “um hiperativo não diagnosticado” e pensou o que faria da sua vida, que trajetos e opções estavam à sua disposição a partir daquele momento. O retorno aos estudos foi a primeira coisa que foi feita e a escolha da psicologia foi por causa da atração pelo curso e porque, segundo ele, “não precisaria do corpo”.

Gabriel comenta que recebia auxílio doença do INSS, mas o valor não cobria nem o deslocamento até a instituição de ensino, muito menos o valor da mensalidade e



gastos afins. Foi quando abriu um bar e o gerenciou por alguns anos. O sonho de ser um atleta olímpico veio após ver seu vizinho, o atleta da canoagem, esporte que é muito forte no município de Três Coroas e ainda assim sofre por falta de recursos, Gustavo Selbach, participando das Olimpíadas de Barcelona, em 1992. Acompanhado Gustavo, Gabriel se apaixonou pelo basquete após ver os jogos do *Dream Team*, como era chamada a equipe dos Estados Unidos. A falta de recursos financeiros, políticas públicas e projetos na área do esporte fizeram com que o psicólogo desistisse de ser atleta, mas a Educação Física veio como possibilidade de trabalhar com o esporte de alto rendimento.

Vendo as Paralimpíadas de Atenas, em 2004, Gabriel acompanhou os eventos da natação e conheceu o atleta Clodoaldo Silva, atleta de Natal e várias vezes medalhista. Gabriel conta que viu aquilo e disse “eu quero ser que nem ele”. Ele chamou uma amiga educadora física e lhe disse que queria ir para os Jogos de Pequim, em 2008. O processo como atleta paralímpico iniciou na metade de 2006, quando o profissional participou de algumas competições e ganhou algumas medalhas. Participar de uma Paralimpíada foi a realização de um sonho, mesmo que o resultado não tenha sido o melhor (o atleta ficou na 5ª posição). Na sequência, conta que tentou participar dos Jogos de Tóquio, pois baixou de categoria na sua classificação funcional, mas devido a algumas regras internacionais, e que são pré-requisitos para os Jogos Paralímpicos de Verão (JPV), não conseguiu disputar os Jogos.

A classificação funcional foi explicada por Gabriel na sua entrevista. A importância dela existir é para que todos os atletas fiquem em categorias mais homogêneas e nenhum levar vantagem sobre o outro por ter mais mobilidade ou funcionalidade corporal. Gabriel termina sua fala no documentário, apontando sobre os direitos das pessoas com deficiência. Afirma que se existisse acessibilidade para todos, não haveria necessidade de haver leis para isso. Aponta que muitas vezes o que falta é educação.

Levando em conta a fala de Gabriel, tanto na entrevista quanto no seu documentário, fica claro que desistir nunca foi uma opção. O que aconteceu foi um redirecionamento de metas, uma reorganização da sua vida. Talvez tenha sido por ele ter sempre sido assim ou porque o estudo em psicologia o ajudou. Talvez ambos.



Com relação ao depoimento de Carla da Mata, a profissional relata que é educadora física e conheceu o universo dos Jogos Paralímpicos dentro do curso. Após, buscou especialização na Universidade Federal de Uberlândia, que na época era uma referência em estudos, pesquisas e desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil. Foi na especialização que Carla teve a oportunidade de fazer um curso de arbitragem em Goalball, um esporte paralímpico para pessoas com deficiência visual. Carla já atua há 25 anos na área dos esportes paralímpicos, Iniciou com a arbitragem a nível regional, passando para o nacional, quando veio a oportunidade de ingressar no âmbito internacional. Com isso, tornou-se, em 2004, apta a trabalhar em eventos esportivos da Federação Internacional e conduzir cursos de arbitragem no âmbito internacional, também. Trabalhou junto a Federação como representante das Américas e foi então que começou a trabalhar mais na parte da Gestão Esportiva, que nada mais é do que a gestão de um evento, como esse evento deve ser estruturado, qual a logística necessária, quais profissionais são necessários para quais locais e funções. Como árbitra e gestora esportiva, Carla trabalhou em vários eventos internacionais como Mundiais, Jogos Parapanamericanos, Jogos Paralímpicos.

Quando questionada sobre a terminologia correta para se referir a um atleta paralímpico, a profissional chama a atenção, primeiro, para o uso da palavra “pessoa” diante de qualquer deficiência. Afirmo que antes de tudo, estamos nos referindo a um ser humano, então o termo correto é pessoa com deficiência (PCD). Caso se queira referir-se a uma deficiência específica, diz-se pessoa cega, pessoa surda, pessoa com síndrome de down, pessoa cadeirante e assim por diante. Quando se refere a um atleta, não há diferença nos termos atleta e paratleta. Algumas matérias usam o termo paratleta e paradesporto. Carla afirma que tudo está correto, mas que ela prefere dizer atleta paralímpico, dando ênfase a palavra atleta, porque, acima de tudo, eles são atletas. A palestrante comentou sobre quebrar tabus e não ter receio de falar, em voz alta, a característica de alguma pessoa. Se ela tem 0% de visão, ela é uma pessoa cega. Se tem um pouco de visão, é uma pessoa com baixa visão. Deve-se usar as terminologias sem medo e este é o ponto que o esporte paralímpico trabalha, tratar os atletas como pessoas.

Sobre a contribuição dos Jogos Paralímpicos para uma sociedade mais inclusiva, Da Mata pede que se volte um pouco e se faça uma reflexão sobre o conceito de inclusão social e afirma que “inclusão social é o direito de todas as pessoas,



indistintamente, terem direito aos seus espaços de educação, de lazer e esportivos independentes da sua condição.” Afirma, ainda, que esta é a base da nossa constituição.

Com relação aos JPV, a profissional chama a atenção para o fato do evento ser de um porte grandioso por receber atletas com todos os tipos de deficiências. O evento, e as pessoas que trabalham nele, devem estar preparados para receber os atletas e então vem a questão do direito de ir e vir de cada cidadão. Não há como realizar um evento deste porte sem condições de acessibilidade, tanto para os atletas como para os espectadores.

Carla comenta que durante a organização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, se fala que as Paralimpíadas deveriam ser antes das Olimpíadas, pois assim, todos os acessos já estariam lá, garantindo acessibilidade para todos de forma indistinta e sem precisar modificar nada. Ela fala que o sonho seria os dois Jogos acontecerem ao mesmo tempo, mas que é muito difícil devido ao montante de atletas, os cronogramas de competições (que são muito extensos). Diante desta fala de Da Mata, vem em mente o significado do termo “para”, que vem do latim e quer dizer “ao lado de”. Ouvindo a profissional e pensando em tudo que já foi conversado em sala de aula, realmente se torna difícil organizar os dois Jogos ao mesmo tempo. Mesmo assim, quando se garante o acesso de um atleta, desde a base até o alto rendimento, está-se falando em inclusão, está-se fazendo inclusão.

Foi bastante interessante saber que o Brasil possui mais de 20 Centros de Referência Paralímpicos, distribuídos no país, em parceria com o CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro) recebendo toda estrutura de expertise profissional, intercâmbios dos profissionais do CPB, das seleções de base e das seleções principais, pesquisas científicas, formação de recursos humanos, além da formação de novos atletas. O ideal é ter um centro destes em cada estado para que os atletas não se afastem tanto dos seus familiares e cultura, e desta forma, potencializar e fortalecer cada região.

Falando em Jogos Paralímpicos e mídia, Carla afirma que, cada vez mais, há visibilidade para este evento. A SportTV e a Globo fizeram parceria com o CPB, alguns anos atrás, e transmitiram alguns jogos como o futebol de cinco e o goalball. Mas ressalta que foram muitos anos de luta, diferente dos esportes Olímpicos, que sempre tiveram mais visibilidade. Isso tudo é histórico, pois se olharmos para trás, sempre

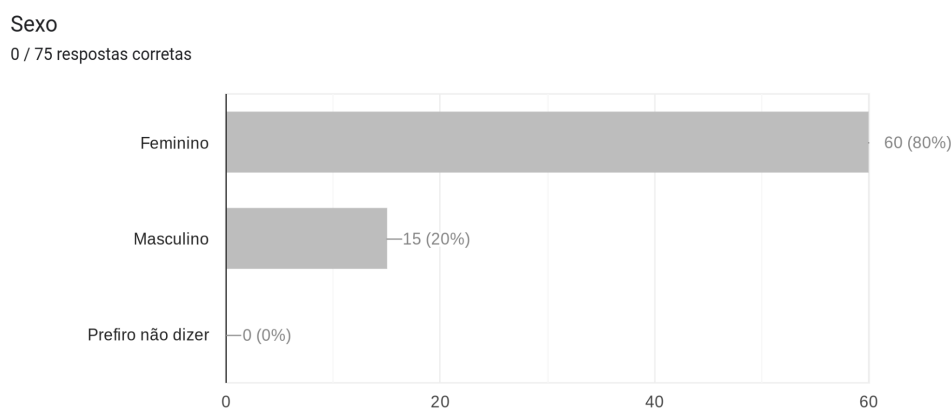


houve, na sociedade, uma resistência ao que é diferente e isso só irá mudar com informação. Se a informação e o esclarecimento chegarem a todos, as coisas vão mudar.

Com relação a palestra dos atletas Adilson e Sidnei, mais uma vez ouviu-se sobre a questão da acessibilidade, mas os atletas puxaram a conversa para o lado da superação e de como o esporte deu outra vida para eles. Assim como Gabriel, Adilson e Sidnei não se entregaram depois do acidente e buscaram novas formas de serem úteis, como eles mesmos comentaram. Poder dirigir o próprio carro (adaptado) lhes deu muita independência e o basquete lhes deu um novo rumo. Os integrantes do time são como uma família. Fazem muitas coisas juntos, além de treinar, como, jantares, passeios...

Quando questionados sobre preconceito, se já haviam sofrido ou não, Adilson respondeu que não presta atenção nisso, simplesmente ignora, pois há muito tempo deixou de se importar com isso. Um pouco desta fala tem a ver com o basquete. Quando perguntado sobre o sentimento de estar em quadra, tanto Adilson quanto Sidnei, iluminaram-se e disseram que os treinos e os jogos são a vida deles, deram novos sentidos. Eles dão tudo em quadra. Isso é o que o esporte faz por todos. É fato que o esporte une e dá propósito de vida, seja ele qual for, adaptado ou não. Muito se fala em educação através do esporte. É por causa disso, porque cada modalidade traz consigo uma filosofia, uma história. As regras preparam para a vida e ajudam a tornar o mundo um lugar mais justo.

Junto com a pesquisa, foi enviado um questionário para levantamento de dados a respeito do conhecimento e preferência das pessoas em relação aos Jogos Paralímpicos e Olímpicos. Segue análise de dados.

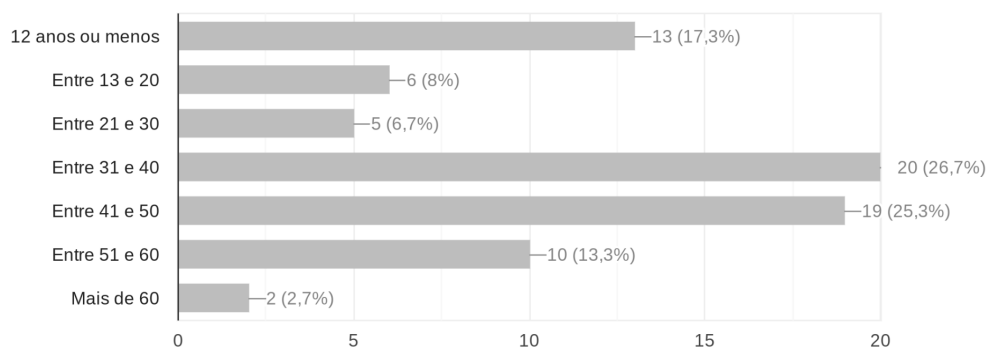




O formulário foi enviado no dia 4 de julho e sua análise foi realizada no dia 9. Um total de 75 pessoas, entre adolescentes e adultos responderam a ele. Das 75 pessoas, 60 foram mulheres e 15 foram homens.

Faixa etária

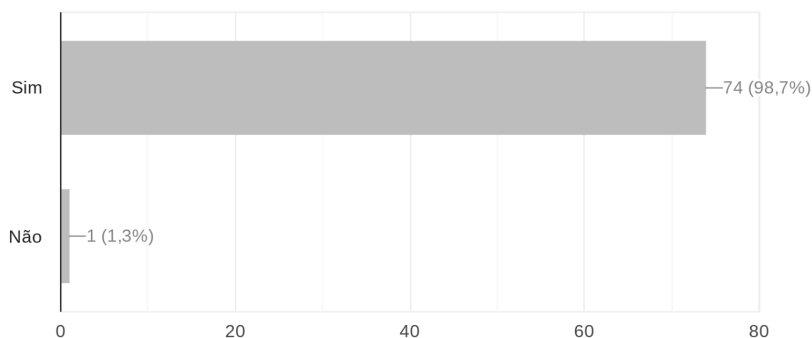
0 / 75 respostas corretas



A faixa etária variou bastante, tendo várias respostas entre os adolescentes com 12 anos ou menos e a faixa etária dos 31 aos 50 anos. Talvez por ser o público que mais assiste televisão e está em contato com as redes sociais.

Você sabe o que são Jogos Olímpicos?

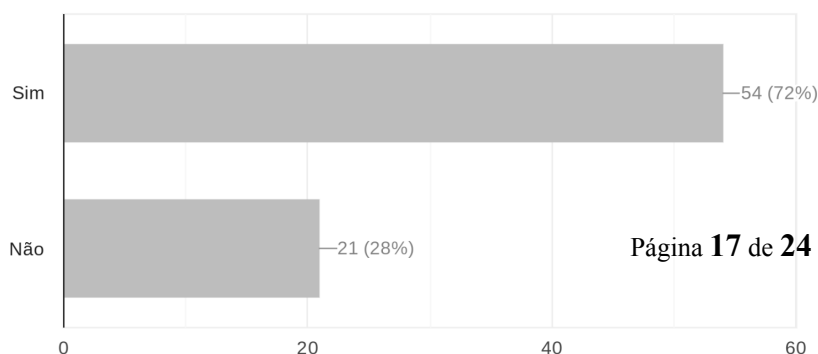
0 / 75 respostas corretas



Quando questionados sobre os Jogos Olímpicos, apenas uma pessoa respondeu que não sabia o que era. Pensando e refletindo sobre tudo o que foi pesquisado e ouvido, talvez esse fator seja por causa da grande cobertura feita pela mídia sobre esse evento.

Você acompanha as Olimpíadas quando tem?

0 / 75 respostas corretas

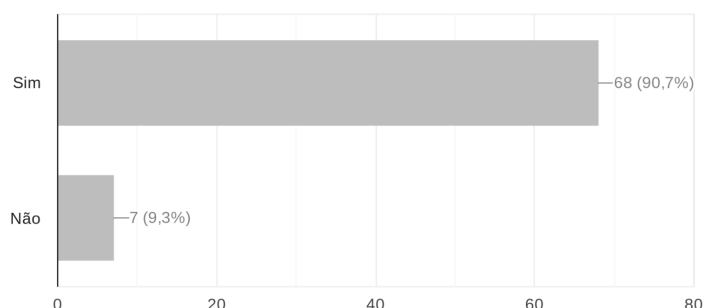




O gráfico acima mostra que 54 pessoas, das 75 que responderam ao questionário, acompanham os Jogos Olímpicos. Acredita-se que isso acontece devido a vários campeonatos serem transmitidos em redes televisivas, inclusive canais abertos, não pagos. Os horários do evento podem ser um fator que influencia, pois dependendo do local dos Jogos, os confrontos acontecem durante a noite e madrugada, como os Jogos de Pequim, em 2008, e Tóquio, em 2021. O horário de trabalho e de estudo dos colaboradores é outro fator que influencia no acompanhamento das Olimpíadas, e, claro, a preferência por uma modalidade específica. Sabe-se que nem todas ganham o mesmo destaque.

Você já ouviu falar em Jogos Paralímpicos?

0 / 75 respostas corretas

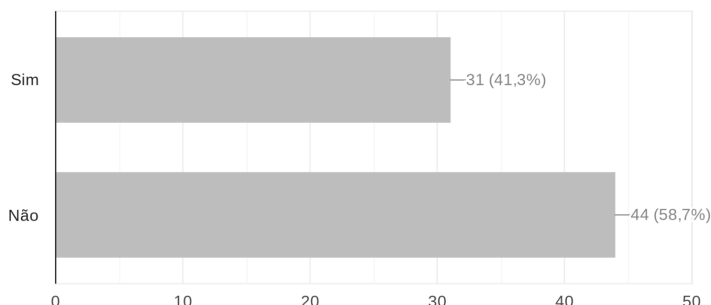


Ainda no ano de 2024, existem pessoas que não sabem o que são Jogos Paralímpicos. O gráfico mostra que 7 colaboradores não têm conhecimento do evento e isso pode ser uma consequência da falta de apoio e destaque nas redes sociais e mídias.



Você acompanha os Jogos Paralímpicos?

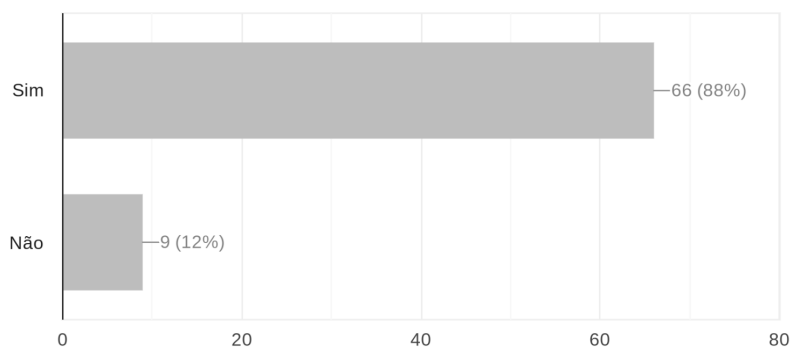
0 / 75 respostas corretas



Acima, o gráfico mostra que a maioria dos colaboradores não acompanha os Jogos Paralímpicos. No gráfico anterior, 7 pessoas nem sabiam o que era esse evento e, provavelmente, elas encontram-se na resposta negativa desta pergunta. O que chama atenção é a quantidade de pessoas que não acompanha as Paralimpiadas comparadas com o gráfico das que acompanham as Olimpíadas. Aqui são 31 pessoas contra 54. Sabe-se que nem todas as modalidades esportivas olímpicas são transmitidas em rede aberta (quem tem TV por assinatura, existem canais que transmitem várias modalidades durante o dia todo), já se tem um afunilamento nos espectadores. Agora, se os eventos não são transmitidos da mesma maneira, não se tem nem como comparar.

Você sabia que todos os atletas paralímpicos possuem algum tipo de deficiência?

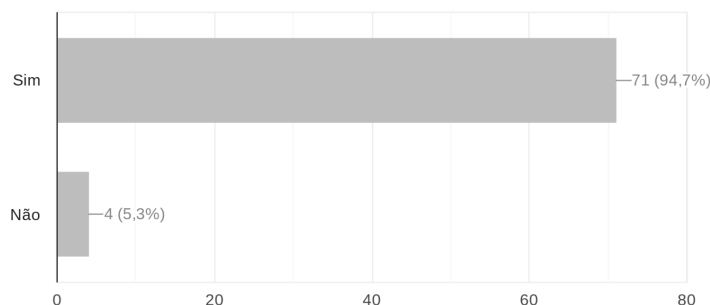
0 / 75 respostas corretas





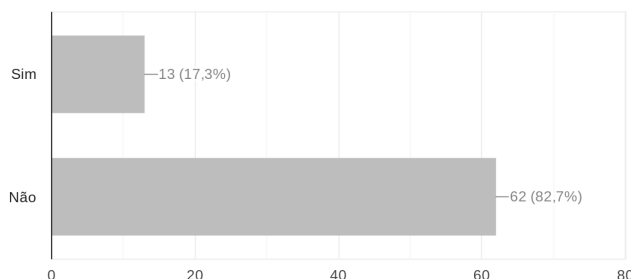
Nesta situação, 9 colaboradores responderam desconhecer a condição dos atletas paralímpicos. Provavelmente, 7 destes, foram os que responderam que desconhecem os Jogos Paralímpicos, numa das questões anteriores. Mais uma vez se chama a atenção para o fato de haver pouca divulgação e transmissão do evento.

Você acredita que os Jogos Paralímpicos podem ajudar na inclusão social?
0 / 75 respostas corretas



A grande maioria dos participantes acredita que os Jogos Paralímpicos podem auxiliar na inclusão social. Lembrando da fala de Carla da Mata, sobre informação e receio da sociedade com o que é diferente, acredita-se que quanto mais as Paralimpíadas ganharem lugar na mídia e redes sociais, mais o diferente será normal.

Você acha que as redes sociais e mídia dão a mesma importância e espaço para os Jogos Paralímpicos como dão aos Jogos Olímpicos?
0 / 75 respostas corretas

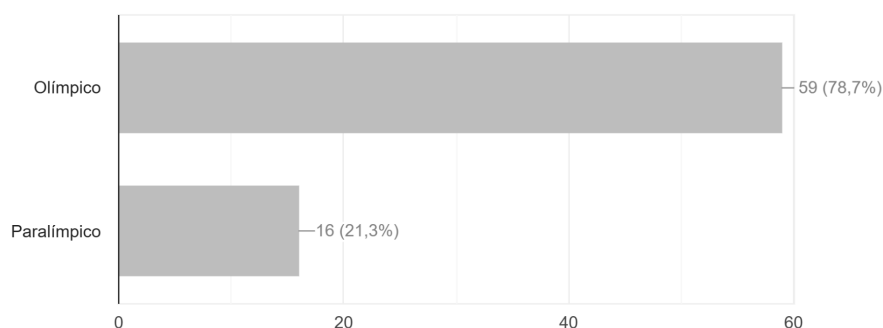


Certamente, a maioria respondeu negativamente, porque realmente não se vê muito sobre as Paralimpíadas nas redes de TV aberta. Nas Olimpíadas, que recebem muito mais cobertura da mídia, alguns esportes mal são falados e nunca transmitidos, imagina as modalidades Paralímpicas, que estão, ano após, ano, ganhando um pouquinho de espaço.



Você prefere assistir/acompanhar qual dos Jogos?

0 / 75 respostas corretas



O referencial teórico comenta, em algum ponto, sobre a mídia ser movida pela quantidade de pessoas que assistem aos seus conteúdos. O gráfico acima mostra que a maioria dos colaboradores prefere acompanhar os Jogos Olímpicos, então a mídia e as redes sociais vão, com toda certeza, transmitir mais sobre as Olimpíadas, pois é o que dá mais audiência e, conseqüentemente, mais dinheiro.

Com relação à experiência vivida, e depois aplicada em outras turmas, com o goalball e a bocha olímpica, muitos foram os relatos dos colegas e demais alunos da escola. No goalball apareceram as seguintes palavras foram as que mais foram ditas: medo, breu, solidão e desconfiança. Todos falaram que foi difícil se orientar em quadra, mas que o jogo foi muito bom e legal. Na bocha adaptada, acharam difícil não poder usar as pernas para impulsionar o corpo e tentar lançar as bochas com mais precisão. Em ambos os esportes paralímpicos, os alunos relataram que a experiência foi boa e valeu a pena terem a oportunidade de se colocarem no lugar do outro e entender um pouco de como podem ser as suas vidas.



6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração tudo o que foi pesquisado, visto e ouvido é interessante levar em conta que a inclusão social está longe de ser uma verdadeira inclusão. É fato que os Jogos Paralímpicos têm ajudado, cada vez mais, a dar voz e visibilidade às pessoas com deficiência, mas a história da inclusão ainda é muito forte e presente na sociedade. De acordo com Solera *et. al.* (2021) *apud* Pedrinelli e Nabeiro (2012), um novo olhar para o esporte e sua contribuição para a saúde física, psicológica e social da pessoa com deficiência (PCD) tem contribuído para a ampliação do esporte paralímpico, mas, mesmo isso, limita a prática, pois para ser um atleta paralímpico tem que se ter certas características para determinado esporte. Outro fator seria o local para a prática. Quanto ao histórico das inclusões, passa-se de um momento onde crianças com deficiência eram mortas ou motivo de desgraça para uma família, para um momento em que as pessoas com deficiência (PCDs) começaram a ser ingressadas na sociedade. Aqui, elas eram mantidas em asilos e escolas especiais com o intuito de serem recuperadas. Nos dias atuais, temos uma sociedade mais inclusiva, sim, mas com muitos problemas, assim como apontou uma das palestrantes, pois ainda não se tem acessibilidade total para todos. Ainda há locais sem rampas, pessoas que estacionam seus carros em vagas para pessoas com deficiência, balcões altos, falta de pisos táteis, entre outros.

Tentando responder a pergunta-problema do projeto, “de que forma os Jogos Paralímpicos podem ajudar na inclusão social?”, acredita-se que todas as hipóteses foram respondidas e estão corretas. As Paralimpiadas mostram o melhor de cada atleta, mostram as suas habilidades. Incentiva aos que pensam que suas vidas acabaram. O diferente assusta, porque a sociedade evoluiu pensando que o diferente não é bom. Mas todos são iguais e diferentes ao mesmo tempo. Foi de suma importância poder se colocar no lugar do outro e sentir um pouco do que é vivido pelas pessoas com deficiência diariamente, suas dificuldades em termos orientação e acessibilidade. As rodas de conversa ao final das atividades mostraram que apesar das dificuldades, há maneiras e caminhos de se seguir em diante e achar um novo sentido para a vida em qualquer âmbito. Os Jogos Paralímpicos estão logo aí, é uma ótima oportunidade de torcer e os atletas brasileiros dando show nas quadras, campos e piscinas. É uma grande



oportunidade de ver e reconhecer o esforço e trabalho do outro. Que venham as Paralimpíadas.



REFERÊNCIAS

Internet:

Aprenda a ensinar: goalball - transforma Rio 2016. Disponível em: [Aprenda a ensinar: goalball - Transforma Rio 2016 \(youtube.com\)](#) Acesso em 11 de jul. 2024

Goalball rules and regulations. International blind sports federation. 2023

<https://olympics.com/pt/paris-2024/jogos-paralimpicos/esportes> Acesso em 28 maio 2024

<https://www.paralympic.org/es> Acesso em 31 de maio 2024

MACHADO, Roseli Belmonte. **Paralimpíadas e mídia:** o crescimento das políticas de inclusão. Cadernos de comunicação . v.16, n.2, Jul-deç 2012 Disponível em: [Vista do PARALIMPIADAS E MÍDIA: O CRESCIMENTO DAS POLÍTICAS DE INCLUSÃO \(ufsm.br\)](#) Acesso em 1 de jul. 2024

SANTOS, L. G. T. S. et. al. **Evolução histórica da participação do Brasil nos jogos paralímpicos de verão.** Disponível em: <https://cpb.org.br/ciencia-e-pesquisa/ciencia-do-esporte/artigos/> Acesso em 6 jun. 2024

SOLERA, Bruna. et. al. **Percepções de atletas paralímpicos sobre a inclusão social por meio do esporte.** Disponível em: [Percepções de atletas paralímpicos sobre a inclusão social por meio do esporte - Dialnet \(unirioja.es\)](#) Acesso em 1 jul. 2024

Viver Plena Mente. Documentário. Disponível em: [VIVER Plena Mente 023 - Gabriel Feiten - 02-12-2021 \(youtube.com\)](#) Acesso em: 4 de jul. 2024